



Outros Clássicos:
História da Filosofia
e Educação



UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO



Cátedra
unesco

Jornal das Senhoras – Tomo I – domingo, 07 de março de 1852 - Edição 10

Link: <https://memoria.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=700096&pagfis=84>

TOMO I – DOMINGO 07 DE MARÇO DE 1852.

O JORNAL DAS SENHORAS

Modas, Litteratura, Bellas-Artes, Theatros e Critica.

O programa e condições deste jornal encontrão-se na ultima pagina.

MODAS

É hoje o primeiro domindo do mez, minhas queridas leitoras, o domingo de todos os mezes deste anno, do outro que hade vir, e muitos outros ainda, se a DIVINA PROVIDENCIA não determinar o contrario e vós tiverdes a bondade de continuar a ajudar-nos, em que eu tenho e terei o gosto de vos apresentar um figurino, segundo manda o programma da nossa Redactora em chefe, que a respeito de pontualidade ninguem lhe põe o pé adiante.

Desta vez portanto offereço-vos um figurino, que mais a proposito não podia vir para o nosso mez e meio da quaresma; elle vos dá perfeitamente o lindissimo e muito elegante - traje de respeito - usado entre nós nestes dias de religiosa concentração. Este uso ou modo de longa data, que veio desde Hespana até a nossa terra, e que com mui razão aqui se naturalisou, faz hoje o typo, dizemos asssim,, da brazileira que se encaminha a visitar o TEMPLO DO SENHOR; a sua elegancia e gravidade, o seu bello effeito sobre qualquer côr ou idade, até mesmo nem ao estrangeiro pôde escapar, elle o admira e aprecia. E tanto assim é, que S. A. a Senhora princeza de Joinville, consentiu que lhe tirasse o seu retrato em Paris - de véo e vestido preto - *por pedido do seu esposo*.

É por sem duvida um muito elegante *toilette*.

De mais, permittão as minhas queridas leitoras este pedacinho: o TEMPLO DO SENHOR, nos seus dias solemnes, com toda a preverencia deve ter as nossas attenções de *toilette*, que nós com tanta prodigalidade as distribuimos nas festas e cortejos ao mundo, não é assim?

Paris não segue esta moda, porque as suas instituições religiosas são outras, porque emfim não ha a solemnidade da SEMANA SANTA com as mesmas formalidades que entre nós

se observa; daqui vemos, que as francezas nestes dias usão, como em outro qualquer, de seus chapeos, e nenhuma etiqueta

– 73 –

guardão no seu trajar, por isso que em o seu paiz não ha tal costume; ora nós, que estamos em nossa terra, e que a formalidade é outra, devemos continuar com a nossa moda. E se por acaso quizermos imital-as, imitemol-as antes da perseverança de seus custumes.

Sim, minhas queridas leitoras, ao menos esse trajar, esse véo, tão elegante, tão adaptado á veneração desses dias em que a igreja remota os martyrios do REDEMPTOR, fique, conserve-se inalteravel e seja - nossa moda.

Em vista do que fica dito, passo a dar-vos a explicação da estampa.

O vestido é decotado, de brilhante seda preta lisa, com a saia guarnevida de duas ordens de folhos de larga renda *guipure*.

Sobre o corpinho a Luiz XV, passando em volta dos homberos a simular o primeiro folho das mangas, desce de cada lado uma estreita renda igual a dos folhos, e em fechar quasi morrendo no bico, deixando aparecer um peitinho de quatro ordens da mesma renda atravessadas.

As mangas são mui curtas e compostas de dois folhos da mesma renda.

Penteado simples, acompanhado de véo de renda preta, que se dobra por sobre a trança até chegar o começo do primeiro folho de saia. Este véo para nada perder de sua graciosidade, deve ser preso todo em pregas no semi-círculo superior da trança, deixando-o cahir para traz de maneira que cubra metade da cabeça.

Os enfeites para os vestidos podem variar, segundo o bom gosto das elegantes, á vista do que de mais moderno neste genero tem chegado á casa das nossas primeiras modistas.

Eu citarei aqui, para os vestidos de grande luxo, as verdadeiras rendas de seda de Chantilly em duas, tres, quatro e cinco ordens de folhos; as rendas *guipure* bordadas de vidrilhos, que são de grande novidade e de muit lindo effeito; as rendas de lã de um admiravel trabalho, e as chamadas - rendas de imitação, - muito recomendaveis pela facilidade com que se prestão a qualquer enfeite.

Para os vestidos mais simples ha os enfeites de veludo, aliás muito bom-tom, muito bonitos, cujo trabalho é da maior perfeição. As grades de veludo como são lindas! as fitas de encrepar, as adamascadas de todas as larguras e feitios; os enfeites de veludo estampado,

dispostos já em avental e berthe, produzem um efecto mui gracioso sobre o vestido de seda preta.

O vidrilho retomou o seu antigo dominio nos delicados enfeites modernos: elle sobre ae magnificamente bem entre as rendas e uns bolões de grande novidade que nos trouxe o ultimo paquete.

Enfim, visitem as nossas Assignantes os primeiros armazens de modas, conversem e familiarisem-se com as nossas modistas de primeira ordem, que ellas por certo terão nisso muito prazer. Não mandem, vão mesmo em pessoa , que assim melhor comprarão e alcançrão com mais facilidade as explicações de que carecerem.

Para sempre acabe o sediço costume de encarregarem ao pae, ao marido, aos irmãos e aos primos, essas encommendas que elles chamão de - senhoras - e que levão a *resmungar* horas inteiras primeiro que as vão comprar, e por fim! fazem compras que poucas vezes sahem ao nosso gosto.

Quereis saber? é um grande favor que lhes faremos descartando-os dessas comissões, que devem ser feitas só por nós.

Os mascates italianos.... é boa gente; mas devem tambem ser demitidos do serviço das comissões: basta que lhes compremos suas fazendas, que já não é tão pouco.

Homens, comprem calças, casacas, rapé e charutos, que nós compraremos os nossos enfeites e as nossas fazendas. Salva as honrosas excepções desses homens *mulherengos* qque sabem mais de agulhas e alfinetes, do que da ponta do seu nariz dois dedos para diante.

Senhora Redactora em chefe, hoje transgredi o meu dever: dirigi-me directamente ás vossas assignantes, a quem muito devo por lerem esta familia de phrases mal alinhavadas, com a sua costumada bondade; não interpreteis que estou mal convosco por isso, ou porque não nos déstes musica domingo passado. Bem sei que foi uma pequena cotisação que fizestes entre as vossas assignantes para lhes offerecer cousa melhor e mui louvavel domingo que vem.

Bonsoi Mme. Noronha.

Catete, 5 de março.

O estudo da philosophia, minhas queridas leitoras, longe de nos ser pernicioso ou inutil, é pelo contrario tão util como importante.

Conhecendo nós a nossa capacidade intellectual é que poderemos tambem saber o que valemos.

Conhecendo nós as faculdades todas da nossa alma, é que poderemos distinguir o verdadeiro emprego dessas mesmas faculdades e o limite natural da liberdade.

O erro e o vicio só nascem da ignorancia da creatura; porque ignorando-se a si mesma, umas vezes passa além, outras vezes fica aquem da sua missão. Empreende impossiveis, ou recua sem saber porque. - O instincto nos guia - a intelligencia murcha como uma planta sem cultivo, e os sentimentos embotão-se faltos daquelle desenvolvimento necessario ao grau de perfectabilidade de quem é susceptivel a alma, e assim lavrarmos a nossa desgraça, porque um *preconceito fatal* se interpõe entre nós e a verdade.

O organismo d'alma, as molas ou pessas de que a alma se compõe, é o mesmo no homem que na mulher.

A unica diferença que existe, é que sentimos com mais vigeuncia e somos mais impressionaveis.

O corpo humano não pôde ser *alma* porque esta é considerada como substancia immaterial, por consequencia o terrestre involucro d'alma não pôde, nem deve, prejudicar seu destino, que é o desenvolvimento das faculdades que a compõe.

O que vem a ser a alma? A philosophia o diz:

"A alma é uma força que se desenvolve pela sensibilidade, intelligencia e liberdade: é uma substancia identica e unica, que se manifesta por seus sentimentos, suas ideias e por suas vontades."

A alma, é pois uma substancia - sensivel - intelligente e livre.

Eis, queridas leitoras, o que vós perscrutando o vosso incognito - eu - achareis, tão palpavel e exacto, como uma cifra arithmeticá.

Sois sensiveis porque sentis; sois intelligentes porque pensais, sois livres porque amaeis ou aborreveis e - sentis como sentis - sem que as vontades tyrannicas, que as mais das vezes vos fazem vergar os alheios interesses, possão reagir sobre vosso espirito ou sobre vosso coração, que a despeito dos vossos verdugos, é *livre*, e por isso ama ou desama segundo a livre faculdade que lhe outorgou o Creador!

Eu não quero dictar-vos um curso de philosophia, intendo apenas fazer-vos comprehender o verdadeiro sentido da palavra e a verdadeira missão da sciencia.

Quero, por meio desta breve resenha, demonstra-vos sómente que não sois entes excepcionaes com uma unica missão no mundo.

A philosophia pois, já sabeis pela minha primeira lição, que é uma sciencia que se divide em três partes.

A primeira é o conhecimento de nós mesmos; é a observação da alma a si mesma.

A segunda parte, que a sciencia chama logica, é simplesmente a arte de raciocinar, ou o conhecimento das regras debaixo das quaes devemos fazer os nossos raciocinios: o conhecimento da marcha que devem seguir as nossas faculdades no seu desenvolvimento.

A terceira parte trata dos deveres do homem para com Deus, para com a humanidade e para consigo mesmo.

Eis pois o *dragão das sete cabeças*, o *coco dos meninos*, o *phantasma do outro mundo*, com que se assustão os espiritos pequenos.

A falta de raciocinio, o nenhum costume de reflectir, é funesto á mulher, minhas queridas leitoras. Ninguem como nós necessita aprender a pensar debaixo das regras mais estrictas da prudencia, para não desesperar, e já não peiorar a nossa causa. A absoluta ignorancia em que se deixa a mulher é o motivo primeiro de sua desgraça.

Quando não se dá um emprego util ás faculdades d'alma, ellas degenerão em vicios atrozes.

A sensibilidade converte-se em fogo ardente de emoções para satisfazer a actividade - a intelligencia ociosa procura saciar sua celeridade por meio de uma curiosidade sem fim de averiguacões, que quasi sempre se referem á vida alheia - e a liberdade, agrilhoada e suffocada, torna-se em maldade insuppotavel para com os outros.

Assim é, como tudo, quanto de mais nobre empregou a bondade Divina no intimo ser de sua creatura, que o preconceito funesto inverte, transforma e desfigura.

Agora portanto que já sabemos o que vem a ser a philosophia - na proxima lição trataréi de dar-vos uma explicação bem suscinta da primeira parte desta sciencia que é necessario vos acostumeis a chamar-lhe - psicologia.

Minhas lições serão breves, porque temos muitos outros objectos de que tratar, e por minha vontade ensinar-vos-hia em um só dia tudo aquillo que julgo ser-vos util.

Quisera possuir esse dom extraordinario que presta a cada palavra o colorido da convicção profunda, e que vibra poderoso em todos os corações. Contentar-me hei porém com a minha pouca capacidade.

Oração da tarde

A' BORDO DE UM NAVIO.

O globo do sol, cujo brilho nossos olhos podião então supportar, quasi a se mergulhar nas ondas resplandecentes, apparecia entre os cordames do navio, e espalhava ainda o dia nos espaços sem limites. Dir-se-ia, pelo balançar da popa, que o astro radiosso mudava a cada instante de horizonte. Os mastros, os ovéns, as vergas do navio estavão cobertos de uma côr rósca. Algumas nuvens erravão sem ordem no oriente, donde a lua subia com lentidão.

O resto de céu estava puro; e o horizonte do norte formando um glorioso triangulo com o astro do dia e aquelle da noite, uma tromba carregada da córes do prisma se elevava do mar como uma columna de cristal sustendo a arcada celeste.

Seria bom para lamentar, aquelle que, neste bello espetaculo, não reconheceste a belleza de Deus!

Contra a minha vontade correrão lagrimas de minhas palpebras, quando todos os meus companheiros, tirando seus chapéos alcatroados, vierão para entoar, com uma voz rouca, seu simples cantico a Nossa Senhora do Bom socorro, padroeira dos marinheiros.

Quando era tocante a oração destes homens que, sobre um fragil lenho, no meio do oceano, contemplavão o pôr do sol, sobre as ondas!

Como penetrava na alma, esta invocação do pobre marujo, á Mãe da dôr! esta humilhação diante Aquelle, que ordena as tempestades e a calma; esta consciencia da nossa pequenez á vista do infinito; estes cantos se estendendo ao longe sobre as vagas; os monstros marinhos admirados destes acentos desconhecidos, se precipitando no fundo de seus pegos; a noite se aproximando com seus embustes; a maravilha de nosso navio entre tantas maravilhas; uma equipagem religiosa, penetrada de admiração e temor; Deus pendende sobre o abismo, com uma mão retendo o sol ás portas do occidente, com a outra erguendo a lua no horizonte opposto, e prestando, a través da immensidade, attenção á fraca voz da creatura: eis aqui o que não se saberia pintar, e o que todo o coração bem formado basta apenas para sentir.

Traduzido por E.....

POESIA

A' mulher.

Dedicada a mlle. Emilia Eulalia Neroi.

Tu deves, mulher, á lei de Christo:
Essa lei sacrosanta,
Que o julgo vil da escravidão quebrando
Teus direitos outorga.

Quando o paganismo asatrás nuvens
Nosso globo enlutavão,
Tu não eras do homem companheira
E sim a sua escrava.

Nessa Grecia, quiça civilisada,
Na bellicosa Roma,
Que o mundo de barbaro tratavão,
Do homem ao capricho

Tua sorte somente dependia
Se não vires da cruz fanal brilhante,
Foge, foge tremendo;
Esse sitio para ti é o tormentoso
O despota ali reina
O prazer sensual só escutando.

Ah! vê d'Aurora o berço
Onde a lei de Mafoma crua impera,
E onde em um serralho
Para gozo d'um homem mil mulheres
Vegetão desgraçadas!...

Tambem vê nos Indostão sobre a fogueira
A esposa subindo,
Porque o homem cioso não consente,
Que alem do seu tumulo
Dos prazeres da vida a mulher goze
A seu carro jungida.

Nova lei do Calvario promulgada
A mulher ennobrece,
D'uma Virgem no Ventre Immaculado
O Verbo s'incarnando
O amor conjugal é consagrado

Pela voz do SENHOR
Canta, canta, mulher, hosana, gloria,
Ao filho de David:
Que os fóros teus, sublimes privilegios
Liberal te concede.

Pelo Padre J. C. Fernaddes Pinheiro.



Um dialogo domestico

Em 11 de NOVEMBRO de 1851

Já te disse uma, duas, tres vezes, muitas vezes e sempre, que não devo, não quero e não quero franchinotes ca em casa para ensinarem-te aquillo que eu nunca aprendi. Geographia e Francez! ora e esta!... Vira de lingua e não lhe entenderei palavra!

- Mas meu pai, eu lhe prometo não fallar francez á sua vista, prometo não lhe pedir mais nada, nada mais, se me conceder a permissão de aprender francez e geographia, já que nada mais ensinarão-me para distrahir-me da monotonia desta vida em que definho, sem nada saber de interessante, para ser util a mim e aos outros.

- Ora essa é boa! bem boa! E não aprendeste a coser, a fazer crivos, rendas e pagamentos? Tua tia não te ensinou as primeiras letras, o que mais queres, heim? já não sabes a cartilha toda? Ah! pensas que has de saracutar a tal lingoa franceza, para fazeres andar em carambola a minha cabeça e a cabeça de tua mãe? está enganadissima. Olha, chega para aqui: quando me casei, ella e as raparigas todas desse tempo não sabião estas artes de bediques e bediquietetes. que hoje dizem por ahi que se usão, nem essas modas de gatimonhas e rapapeis desses endemoniados estrangeiros, que tudo fazem para a terra estranha sem mais licença nem referencia. Entrementes ali está tua mãe, gorda e media, n'aquelle marqueza de sola, descansando das fadigas do dia: criou-te e educou-te sem ser preciso nenhuma dessas bujugangas; ora ves ahi?

- Sim, meu pai, minha mãe com effeito é uma santa senhora, criou-me e á ella deco o que sou, mas isso não é bastante para me fazeer feliz. Se ella quando casou não sabia francez e geographia, foi por isso que meu avô pensava como Vm. Por isso muitas senhoras d'aquelle tempo, depois de chingarem os escravos todo o santo dia, resavão o Terço, e o resto do tempo á noite levavão a murmurar da vida alheia e... coitadas já a culpa vinha dos paes desse tempo!...

- Cala-te, lambisgoia, que não sabes o que dizes; ainda estás fedendo a cueros e já arribitas-me as ventas! Pois estás enganada. As senhoras de dantes erão trabalhadaeiras e muito trabalhadeiras; Olá se erão! Não vivião como pensas; tua tia era muito boa doceira e estava todos os dias sobre o tacho a fazer as bellas trouxas d'ovos e mil outras coisas saborosas que fazem lamber os beiços: tua prima, ninguem fazia empadas melhores que ella; dia e noite trabalhando, levava - quaresmas inteiras a vender taboleiros e taboleiros de empadas, de que

tinha bem beons lucros; comprou dois escravos por vinte e quatro dobras! D. Felicia, que ainda tu conheceste a sobrinha fazendo euvas e pasteis folhados, tambem era uma insigne doceira, e outras muitas de que não me lembro agora os nomes, mas que erão muitas, mesmo muitas. E hoje o que se ve? ... ve-se a senhora querendo aprender linguas para ser linguaruda, e ainda não saber *pôr um remendo, tomar pontos de meias, sergir uma camisa!* E o arranjo da casa? ora adeus minha vida, hade ir pelos ares como vão as cabeças de Vms. todas, quando se mettem a querer saber daquillo que não devem. Está dito; ha de ser o que sua mãe foi, e temos conversado. Ora eis ahi.

E a bella menina com tão bellas e louvaveis intenções teve de retirar-se de junto de seu pai, triste e com os olhos arrazados de lagrimas, vendo frustrados todos os seus desejos e louvaveis intenções....

O que iria ella pensando nesse momento?

Ah.... se esse velho materialão advinhasseem que podem desandar os bem entendidos dezejos de uma senhora quando são bruscamente contrariados, (assim como acontece com elle tambem) mais que depressa satisfaria as justas pretenções de sua filha. Mas, louvado Deus, como estes ha muitos ainda, que entendem que a mulher quanto menos educada mais se amolda aos seus estupidos caprichos, sem se lembrarem que a madeira (permitta-me a comparação) quanto menos aplainada mais aspera e mais frapas tem!...

Educação! *solida e verdadeira* educação ás nossas filhas, para um dia bem dizermos a sua felicidade.

Sua, &c.

Christina.

MISTERIOS DEL PLATA.(*)

NÉMESIS.

O barco que acabavão de divisar era a Francisca de Rimini.

Os passageiros que vinham a seu bordo conservavão-se ainda na posição que já fizemos conhecer ao leitor, porque, entre o momento presente e aquelle do nosso esboço, só tem decorrido um limitado espaço de minutos.

Ao sahir detraz da ilha, a gente da sumarca pôde tambem avisar os homens que estavão sobre as ribanceiras do rio: nesse momento o homem da nodoa vermelha se poz ao leme, aproou em direitura á terra e ordenou aos marujos que ferrassem as vélas.

Alcina, em um lance de olhos, comprehendeu as tentações do fingido patrão do barco. Leve pallidez se derramou por um instante nas suas feições, e levantando seus olhos ao céu parcecia repetir mentalmente as seguintes palavras:

"Cumpra-se meu Deus a vossa vontade, seja no céu, seja na terra!"

D. Antonia olhou espantada em roda de si; fatal presentimento veio pousar como uma lousa sobre seu coração, e apertando entre as suas a mão de seu marido, duas lagrimas silenciosas correrão-lhe pelas suas faces.

Findou a nossa viagem, murmurou o doutor.

Ha momentos na vida humana, nos quaes, em frente á desgraça que nos fere em cheio o coração, aniquila-se completamente o grau de soffrimento e de resignação que pode conter a alma de cada creatura.

Desgraças para as quaes não ha gemidos nem lagrimas; em que a propria sensibilidade fica paralisada e muda!

Tão intenso se torna o soffrer, que curva nosso ser physico e moral, que nos leva até ao momento do tresvario; e nossa cabeça horripilando-se, o cerebro altera-se nervoso, e nós sentimos os primeiros symptomas da loucura desenvolverem-se ali.

Tal foi a impressão que as breves palavras de Alcina deixarão em sua mulher.

Ellas encerravão a convicção de uma desgraça irremediavel, profunda e veloz!

Tocava o limite de uma espantosa realidade que em breve ia feri-la com todo o rigor!

Pobre mulher!

Creatura fraca e pequena ante os olhos do materialismo, o que viria a ser de ti, se nesse corpo gragil e delicado não tivesse colocado o CREADOR uma alma, tão amante e tão energica! alma de esposa e de maí, que no momento do perigo e para defesa dos caros objectos do seu amor, toma as proporções gigantescas da heroicidade, cumprindo assim a missão mais sublime do seu destino.

A mulher de Alcina suffocou seu pranto, devorou sua afflictão, e se preparou com supremo esforço a tragiar junto com seu bem amado esposo, o calice amargoso do infortunio.

O menino Adolfo, nascido entre o estrondo da revolução, embalado pelas descar-

(*) **vide o n. 9**

gas do canhão e do fuzil, já encontrava diante de si o cadafalso e o exilio! Não obstante a sua tenra idade, tambem observou o que se passava a bordo; deixou seu intertenimento infantil, e com essa vaga inquietação, pressagio infallivel da fatalidade, correu para o pé de seu pae, patenteando no perturbado olhar, que elle não estava alheio ao drama que ia começar.

O homem da nodoa vermelha lançou um olhar sobre os passageiros, e dice lá com seus botões:

- Já sabem o que lhes aguarda.

Em quanto ao Dr. Alsina, desde que comprehendeu qual ia ser a sua sorte, como todo homem de coragem e de espirito, aceitou a sua nova posição.

Chamou para junto de si os seus dois queridos objectos, e com a dignidade tranquilla e augusta do homem de honra que tem a consciencia pura, esperou com firmeza que rebentasse o raio, cuja nuvem estava formada sobre a sua cabeça.

A sumaca atracou á terra.

Naquelle momento, em ordem de destacamento com o juiz de paz á frente, descia pela ribanceira a gente da Estancia.

O interprete da lei transformado em homem de guerra (em favor do rei) trazia um ar tão marcial, tão guerreiro, e tão furibundo, como se elle sozinho fosse combater um exercito inteiro de selvagens unitarios.

Bom sera prevenir o leitor, de que o insigne juiz de paz era um homem baixinho, gordo e barrigudo, com olhos desmensuradamente grandes e espantados; seu pescoço curto e gordo desapparecia inteiramente entre dois hombros carnudos; o resto da sua pessoa podia servir de typo á vulgaridade, não dos homens, mas sim da intelligencia na sua expressão mais mesquinha.

Ia pois marchando á frente dos seus peões, e, com o custume de todos os homens pequenos, esticava as pernas para andar com certa magestade comica, que não deixava de dar-lhes seus ares com Sancho Pança em quanto foi governador da Insula Bavataria, carecendo comtudo o nosso heroe do gordo bom senso da personagem de Cervantes.

A'sua chegada á bordo, o juiz de paz lançou em torno de si um olhar de furor, e com o tom mais decidido e imperioso chamou o patrão da sumaca. O homem da nodoa vermelha adiantou-se, com o seu boné de pelle de mono entre as mãos e com a cara de hypocrita toda compungida: o velhaco começou fallando com pronunciado acento estrangeiro:

- Servitore da V. Ex.

- Não tenho excellencia (retornou o juiz, não sem secreto pezar), Sou juiz de paz do partido do Baradeiro, cuja costa é esta, e como encarregado de velar pela seguridade do paiz, venho saber para onde vae Vm. e que passageiros traz a seu bordo.

- Lo barco não mai pertende, le vais patrona, resto ferito á Montevideo, a xumaca va caricata da casa di Antonini com mercancie e fa-

zende, vous sapate-Ponche, colette, chaquita, pantaloni.... altine tuttu lo carimento que va pona lo porto de Goia, nella costa correntina. Apret, lo passagiero, and the somand the ton sone co oró que V.A. ten na vista.

O juiz de paz teria preferido que o mestre falasse um idioma mais intelligivel, porque na longa relação que acabava de fazer-lhe, havia passagens muito escuras para sua percepção, e palavras que não podia traduzir: felizmente para elle, lembrou-se a tempo que as vezes é melhor calar do que falar, e fazer como que se sabe perfeitamente aquillo que nem sequer nos passa pela frente.

- E' necessario que eu examine todos os papeis que Vm. traz a bordo, replicou o juiz, depois de uma pausa.

- Avec tropo plalsir, apressou-se a dizer o homem da nodoa vermelha. Giovani! acrescentou chamando pelo moço que na pequena equipagem da sumaca servia o duplo emprego de criado da camara e sosinheiro Giovani apareceu com as suas calças cheias de bren e seu boné de lã vermelha na cabeça.

- Sonoqui capitano, respondeu cortezmente o criado e cosinheiro.

- Uma velia per il signor Juidice e alcune botiglie di cerbeja: andiamo!

Giovani, acostumado a servir as carreiras, desceu a camara e subiu pouco depois carregado com uma cadeira de thesoura e uma porção de garrafas.

No espaço de tempo que decorreu, um silencio absoluto se observava a bordo: os gauchos com a espingarda ao hombro, tinhão a curiosidade retratada no rosto.

Alsina sentado a rá com sua senhora e seu filho ao pé de si, mediante esse tacto fino e desembaraçado do homem de alta sociedade, mostrava a mais completa indifferença, nenhuma attenção dando aos ares furibundos do juiz, nem aos seus preparativos inquisitoriaes que tivera anunciado. Conversava com sua senhora reservadamente, e parecia explicar-lhe os differentes objectos que guarnecião a opposta margem do rio.

O juiz de paz, homem vulgar e estupido, não podia comprehendér a dignidade da conducta do exilado, e sentia argumentar-se a sua colera, que tão pouco respeito impunha ao selvagem unitario.

O velho Simão mal disfarçava seu desgosto, porque já via de antemão o fim daquella farça.

O fanatico Julião se conservava ao pé do juiz, e Miguel encarava com atonita surpresa o homem que por ordem do general Rosas elle havia entregado ás autoridades.

Longe de indignar-se á vista do proscripto, Miguel sentia uma emoção desconhecida que agitava-lhe seu coração pela vez primeira: aquele grupo de tres creaturas ligadas por laços

tão estreitos, cujas phisionomias erão tão cheias de distincção e tão amaveis, o interessava na sua sorte, a seu prezar.

Essa lei mysteriosa da sympathia que sentimos sem poder analysar, attrahiu o coração de Miguel para a familia de Alsina; havia elle entregado o proscripto ás mãos de seus carrascos, e naquelle momento, só a vista do homem a quem votará á fatalidade, sem o conhecer, causava nelle uma resolução tanto mais terrivel, quanto que o coração do jovem estava virgem do impeto violento das paixões; e que pela vez primeira encontrava um ser nobre e grande, em favor de cujo immenso infortunio, sentia elle nascer terna piedade, e profundo respeito.

Pouca aceitação mereceu a cerveja com que o mestre quiz obsequiar o Sr, juiz de paz e sua gente: por isso teve breve despacho, ficando o refresco quasi intacto.

O magistrado sentou-se e começou a revista dos papeis do capitão, sobre seus joelhos; como elles não continhão outra cousa que a factura de carregamento e o despacho d'alfandega; o juiz os entregou de novo ao flugido mestre e pediu o passaporte do passageiro.

O homem da nodoa vermelha tirou seu boné e começou a rola-o entre as mãos, tossiu, cossou a cabeça, e ficou calado.

O momento da explicação era chegado.

O juiz de paz reassumindo toda a insolencia e descortezza de que era capaz, fez um - siu - imperativo ao Dr. Alsina e gritou-lhe:

- Paizano! já pedi o seu passaporte: cá o mestre fica á maneira de embatucado semp responder: - Ordono a você, que me entregue seu passaporte; si é que você viaja com elle; acrescentou ironicamente.

O proscripto apertou a mão de sua mulher, e levantando-se,a diantou-se para onde estava o juiz, tirou uma carteira de algibeira do seu paletot, e abrindo-a escolheu um papel, que apresentou ao *inquisidor federal* com estas palavras:

- Eis a ordem de minha deportação; estou persuadido em Vm. não ignora quem eu sou.

A frase surda: "E' um selvagem unitario!" passou com leve murmurio de boca em boca.

O juiz abriu o papel e depois de ler para si, ficou em silencio, como quem medita a resolução que vae tomar, considerando-a como acto da mais alta responsabilidade. A final com um tom o mais magestoso possivel perguntou á misera victima da traição:

- Que ia Vm. fazer a Corrientes?

- Póde o senhor fazer ideia, vendo na minha companhia minha mulher e meu filho: ia estabelecer-me em Corrientes, e procurar o sustento de minha familia no exercicio de minha profissão.

- Ora, porque não confessa de uma vez suas tenções e vistos revolucionarias? Pensa que eu posso cá commungae com rodas de carreta?

- Tome sentido com quem falla (replicou finalmente Alsina). Eu sou um cavalheiro que Vm. deve respeitar e tratar como eu mereço: se vem aprisionar-me porque fui vilmente atraíçoad, cumpra a sua missão e deixe-se de rodeios inuteis: eu não quero que ninguem commungue com rodas de carreta; eu não occulto as minhas opiniões politicas, porque não as considero um crime, e quando a prudencia me aconselhasse de assim praticar nunca seria n'um

– 79 –

caso como este, em que de ante-mão já estou condemnado.

- Isso é o mesmo que confessar que você é um selvagem unitario! Exclamou o juiz satisfeito do seu tato e sagacidade.

- Serei tudo quanto Vm. quizer, replicou o proscripto, ou serei tudo quanto lhe aprouver ao general Rosas, contra os homens que querem constituir o seu paiz e viver sujeitos á lei e não ao capricho de um *mandão*!

- Silencio! cale-se!... você é um nojento selvagem unitario! gritou o juiz, quasi que afogado de colera, que?! pretende você criticar a conducta do governo?!

D. Antonia, interpoz a sua mediação para findar as questão, supplicando ao mesmo tempo ao juiz para que os deixasse continuar a sau viagem tranquillos, empregando nesta supplica as maneiras mais amaveis com que a infeliz senhora procurava domar a sanha do tigre.

- Não pôde ser, senhora!... foi a resposta do juiz; é necessario que eu sirva á causa americana e a santa causa da federação e a da Confederação Argentina, é debaixo deste dever de patriota que ordeno ao selvagem unitario Valentim Alsina, inimido acerrimo da patria e do illustre restaurador das leis, que se entregue prisioneiro. E, concluindo este rasgo de elquencia, o magistrado se poz em pé, lançando em roda de si olhares de triumpho, e dirigindo-se aos seus peões, no mais alto gráu de enthusiamos, exclamou:

Paizanos! Viva o illustre restaurador das leis!

Viva! responderão em coro os gauchos.

Viva a federação!

Viva!

Morrão os selvagens unitarios...

Morrão... morrão... Morrão mil vezes... gritou Julião.

Morrão! morrão! repetião com encaniçamento e frenesi os illudidos campeiros.

- Vamos para terra, disse o Juiz. E' necessario fazer o processo verbal ao preso; depois será conduzido a Buenos - Ayres e posto á disposição de S. Ex.

Alcina ouviu sua sentença, sem a mais pequena apparencia de desgosto; não assim sua mulher e seu filho, que apertando-o em seus braços, romperão em pranto.

Dois homens não puderão ficar indiferentes a esta scena de profundo e mudo pezar.

O velho Simão e o aventureiro Miguel; elles enxugarão uma lagrura involuntaria, que lhes passou desapercebida no meio do furor e da algazarra dos outros.

(Continua.)

O Catette.

Ha muito que o bairro do catette e os seus amadores já devião ter cuidado se instituir um ponto geral de reunião, para certo e determinado numero de socios com suas familias ahi passarem algumas noites do mez, entre os prazeres de uma partida familiar, tão reclamada nos diversos pontos desta corte.

Consta-nos que essa ideia está encetada, e que algumas pessoas de toda a consideração tratão de instalar no catette uma destas reuniões pelo mesmo sistema da sociedade Philcuterpe, composta de cantoria e dansa, cujas partidas serão semanaes e debaixo de um rigoroso *toilette* simples. A agencia da parte musical está confiada aos Srs. Guilmet e Amat.

Fazemos votos para que essa sociedade se realize e prospere a par dos bons dezejos de ses Srs. influentes.

Estrella.

Acompanha a este numero o figurino do ultimo mez do 1º trimestre. Para o numero que vem mimosearemos as nossas Assignantes com uma interessante musica.

JORNAL DAS SENHORAS

Publica-se todos os DOMINGOS; o primeiro numero de cada mez vae acompanhado de um lindo figurino de melhor tom em Paris, e os outros seguintes de um engracado landú ou terna modinha brasileira, romances francezes em musica, moldes e riscos de bordados.

Subscreve-se para este Jornal nas cazas dos Snrs. WALLERSTEIN e C. n. 70, A. e F. DESMARAIS n. 86, MONGIE n. 87, rua do Ouvidor; e na Typographia de SANTOS E SILVA JUNIOR, rua da Carioca, n. 32.

Toda a correspondencia é dirigida em carta fechada á Redactora em chefe a qualquer das caças mencionadas.

PREÇO DA ASSIGNATURA: Por tres mezes, 3U000 rs. na corte, 4U000 rs. para as provincias.

Os trimestres contão-se em Janeiro, Abril, Julho e Outubro, e pagão-se adiantados.

Rio de Janeiro. - Typographia de Santos e Silva Junior, Rua da Carioca, nº. 32.

